

Soltar as muletas

Um olhar diferente sobre
as drogas e a adição

HERMANN SCHRECK MALGOR



Do original em língua espanhola
SOLTAR LAS MULETAS
De lo no dicho a lo no escuchado de las drogas y la adicción
Copyright © 2018 by Hermann Schreck Malgor
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Tradução: **María Lucía Carabajal Larrosa**
Revisão da tradução: **Samara dos Santos Reis**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	11
O boliche	15
A “vida dupla”	20
Aqui não há drogas	25
As drogas como inimigo	27
“Apenas diga não”	30
O flagelo da droga	34
Drogas e delinquência	35
Drogas são as de agora... ..	37
Os rapazes de antes... ..	41
Não se meta com as minhas drogas	45
Somos todos adictos?	49
Conhecendo o “monstro”	51
Um modelo explicativo	54
O pesado e o leve	56
Os alimentos dos deuses	59
Convivendo com a droga	64
Do consumo à adição	68
Pare de sofrer	75
Drogar-se é um prazer, maravilhoso, sensual	78
O erotismo das drogas	82
A adição sem drogas	85
A adição bem-vestida	87
O vício de querer ser outro(a)	90
Enredados	93
A nudez vestida	96
Comer ou não comer para sobreviver	98

Quando o esporte não é saúde	99
O risco da alimentação perfeita	100
Engordar como escudo	102
O papel da família	107
Os filhos da crise	110
Codependência: a adição ao outro	112
Consumo de drogas no trabalho	115
Os bêbados célebres	118
A “codependência” institucional	122
O fundo do poço	124
A violência terapêutica	127
O poder do saber e da razão	130
A cenoura	132
O direito de ser eu	134
O respeito pelos direitos humanos no trabalho de ajuda	137
O que lhe custa mudar?	141
Aceitar para mudar	143
Acompanhar partindo da aceitação	145
A adição como doença	153
Da culpa à responsabilidade	158
Pôr o inimigo para fora	163
Sobreviver na prisão	167
Ouvir a adição	172
O problema original	176
O naufrágio da dor	181
Quando as drogas não são o problema, mas a solução ..	186
Não é a droga, mas a gaiola	189
Epílogo	195
Referências	197

Prefácio

O uso nocivo de álcool e de outras drogas vem se tornando, nas últimas décadas, um problema endêmico de saúde pública no Brasil e no mundo, problema para o qual não parecem existir estratégias capazes de diminuir efetivamente sua incidência e seus agravos.

De acordo com o último Relatório Mundial sobre Drogas do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em inglês), cerca de 29,5 milhões de pessoas (12% dos usuários) usam drogas de forma problemática e apresentam transtornos relacionados ao consumo de substâncias – incluindo a dependência –, havendo uma incidência anual de aproximadamente 190 mil mortes prematuras devido ao seu uso no mundo. Esse mesmo relatório aponta que o custo econômico-social decorrente do uso de drogas ilícitas é de aproximadamente 1,7% do Produto Mundial Bruto, o que equivale a US\$ 1,3 trilhão, mas não esclarece se esses números são decorrentes do uso de drogas, da guerra a elas ou de ambos.

Em sua etiologia, o uso nocivo de substâncias já foi compreendido de diversas formas durante a história, de perversão de caráter a problema meramente biológico. Hoje, sabe-se que é um problema multifatorial que, muito além de ideologias e partidarismos, precisa ser abordado numa multiplicidade de linhas de cuidado, articuladas e complementares – tanto em serviços de regime residencial, com promoção de ambientes livres de álcool e drogas ilícitas, quanto nos serviços de regime ambulatorial, com critérios de adesão de menor exigência, norteados pelas estratégias de redução de danos.

Lamentavelmente, uma gigantesca enxurrada de pseudoinformações assola esse meio. Donos da verdade que exageram para mais ou para menos, demonizando ou subesti-

mando esse comportamento humano tão antigo, têm causado grande confusão naqueles que se aventuram a tentar compreender a multifatorialidade que circunda o tema.

Por esse motivo, para mim é uma grande alegria e motivo de esperança receber uma obra que consegue articular, em linguagem incrivelmente acessível, conhecimentos técnicos precisos com uma generosa dose de humanidade sem, em nenhum momento, deixar de lado a neutralidade que cunha os grandes profissionais.

Hermann escreve páginas amáveis, verdades profundas que poderiam ter sido ditas, sem nenhuma dúvida, de forma muito mais indigesta. Mas ele teve paciência conosco, leitores com verdades formadas ávidos por encontrar as confirmações de nossas teorias. O que se encontra neste livro são provocações feitas com tamanha sutileza que não cabe nenhuma reclamação, apenas reflexões.

As drogas não matam, as drogas não são o problema. Pessoas com problemas usam drogas para suportá-los, e podem morrer na tentativa de viver. Hermann deixa a droga de lado e olha para a pessoa.

Tive, até o momento, uma única oportunidade de estar pessoalmente com Hermann, mas foi suficiente para perceber que ele é dessas pessoas com as quais o tempo passa rápido demais.

PABLO KURLANDER

Psicólogo, doutor em Saúde Coletiva e presidente da Confederação Nacional de Comunidades Terapêuticas (Confenact)

Apresentação

Conheci Hermann Schreck no Primeiro Congresso Latino-Americano de Gestalt-terapia, ocorrido em Mar del Plata. Ambos havíamos apresentado trabalhos sobre adições e descobrimos que alguns dos autores que citamos e pelos quais nos encantamos eram os mesmos. Logo depois do evento, ele me enviou os escritos que estava prestes a publicar e que vieram a se tornar este livro. E a leitura do texto me emocionou a cada capítulo.

É uma perspectiva muito sensível, que traz uma visão profundamente humana e sobretudo respeitosa do que experienciam as pessoas com vínculos de adição.

Uma compreensão que vê a adição não como um problema que necessita ser eliminado, mas como um sintoma de sofrimentos com os quais a pessoa não consegue lidar de outra forma nas situações que vive, entendendo-a como um processo de “autorregulação”, de “ajustamento”. Não ideal evidentemente, mas aquele que tem sido possível e que muitas vezes, em suas palavras, é uma “tábua de salvação”. Tábua de salvação cheia de espinhos, mas que ainda assim ajuda a pessoa a sobreviver. Em vez de considerá-la um mecanismo de autodestruição, o autor nos diz justamente o contrário: que com frequência é por meio da adição que o indivíduo consegue se manter vivo.

Hermann inicia seu livro contando que, desde criança, escutava atento e maravilhado as histórias de vida dos frequentadores do bar de seu pai – pessoas aparentemente felizes e bem-sucedidas, mas que depois de uns copos revelavam dores, tristezas, solidão –, mostrando que esse aprendizado de “ver além” está presente até hoje em sua postura e compreensão terapêutica ao lidar com pessoas que consomem drogas.

Ao longo do texto, ele dá exemplos de como essa qualidade de escuta empática o levou, como terapeuta, a tornar figura de sua atenção não a dependência química de seus clientes, mas uma perspectiva de campo, a Gestalt total da condição humana dessas pessoas em suas relações com os contextos e situações em que vivem. Hermann busca entender e acessar seus sofrimentos e oferecer um vínculo compreensivo, horizontal, de respeito e aceitação em vez de uma abordagem preconceituosa que só gera sentimentos de culpa, vergonha e exclusão.

“As pessoas não sofrem porque usam drogas”, escreve. Elas “usam drogas porque sofrem”.

E nisso estamos todos nós... Não há como ler este livro sem nos emocionar, sem perceber em nós mesmos ressonâncias, dando-nos conta da presença, em nossa vida, dos múltiplos e sutis mecanismos de evitação de contato com nosso eu mais profundo e com as emoções que nos atravessam solitariamente no dia a dia.

É também um texto bem informativo, que nos esclarece sobre os diversos tipos de droga existentes (tanto as lícitas como as ilícitas), traçando paralelos interessantes com mitos gregos (drogas dionisíacas, apolíneas etc.) e fazendo reflexões profundas sobre determinadas adições atuais que usualmente não nos ocorre classificar como tal.

Como outros autores contemporâneos da área, Hermann corrobora que as políticas de criminalização e de guerra às drogas – assim como a visão da abstinência como objetivo a alcançar – têm sido um fracasso, enfatizando os fatores sociais, culturais e ambientais envolvidos, bem como a função psicológica e relacional que as drogas e outros tipos de adição passam a ter.

Para o autor, confrontar esses comportamentos sem partir da aceitação redundava em fracasso. “A busca da origem desse sofrimento deve ser a premissa de todo tratamento autêntico de reabilitação de dependentes químicos.”

Em suma, um trabalho belíssimo, comoventemente humano, sistêmico e gestáltico. Uma contribuição importante para os que lidam com essas questões, tanto terapeutas como pessoas em geral – pois, de alguma forma, e de maneiras diversas, todos nós buscamos formas de alívio para nossos medos, angústias e sofrimentos.

Um livro que traz para o Brasil uma abordagem inovadora, revolucionária e humana certamente de interesse tanto de Gestalt-terapeutas como de psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras e todos aqueles interessados no trabalho com dependência às mais variadas drogas e formas de adição – seja nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD), nos programas existentes de assistência a essa população ou no atendimento individual.

SELMA CIORNAI

Psicóloga, Gestalt-terapeuta, autora do texto “Um olhar gestáltico para adições: conexões e desconexões”, publicado no livro *Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos* (Summus, 2017)



O boliche

Durante anos tentei entender por que tinha escolhido a psicologia como profissão e ofício.

Também não compreendia bem o que me motivara a me especializar na ajuda aos adictos.

Talvez a resposta a ambas as inquietudes esteja na origem da minha vida.

Nasci e cresci num “boliche”¹.

Meu avô, Ludwig (senhor Luís), foi um imigrante alemão que chegou à América do Sul no período entreguerras e, depois de trabalhar na construção e em um pequeno empreendimento no campo, se estabeleceu na cidade de Paysandú, Uruguai.

Junto com minha avó Catalina (dona Cata), fundou o bar El Múnich, uma modesta cervejaria que, com o decorrer do tempo, transformou-se num oásis para as noites quentes de Paysandú.

O chope, tirado de uma chopeira de última geração à época, permanece até hoje como uma fresca lembrança na memória dos *sanduceros*².

A tradição cervejeira foi continuada pelo meu pai, Osvaldo (Buby), e por minha mãe, Gladys.

No início dos anos 1970, o El Múnich mudou-se para uma construção maior e se tornou Cervejaria Múnich, oferecendo outras opções gastronômicas e a mesma tradição cervejeira.

Nessa nova locação, cuja inauguração coincidiu com meu primeiro aniversário, transcorreu minha infância e parte de minha adolescência, junto com minha irmã mais nova, Anna Karinna (a gringa).

1. Nome coloquial e carinhoso pelo qual os bares são conhecidos no Uruguai.

2. Nome atribuído àqueles que nascem na cidade de Paysandú, Uruguai.